



## UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

### Esquizoanálise: por uma cartografia clínica<sup>1</sup>

Marcelo Barbosa Fontes<sup>2</sup>

#### RESUMO

*Após os acontecimentos do maio de 68 francês, os autores Gilles Deleuze e Félix Guattari produziram uma obra – Anti-Édipo (1972) – de saberes multifacetados e heterogêneos na articulação entre capitalismo e esquizofrenia. Uma obra crítica e política que incitam processos desejantes e de experimentação, de multiplicidades e diferenças. A partir dessa obra, podemos denominar a Esquizoanálise como uma cartografia clínica, enquanto uma práxis que visa uma raspagem dos modelos representativos de reprodução das subjetividades e da realidade para uma criação e intensificação de modos outros de subjetividade, ou seja, modos subjetivação. O objetivo da pesquisa é investigar o conceito de clínica para a esquizoanálise de Gilles Deleuze & Félix Guattari e discutir possíveis contribuições para uma psicoterapêutica no campo clínico psicológico. A hipótese aqui levantada é que a clínica esquizoanalítica é um dispositivo de produção e intervenção clínico-terapêutico de cuidado e promoção de saúde e formas outras de existência.*

**Palavras-chave:** Clínica. Esquizoanálise. Cartografia. Psicologia.

---

<sup>1</sup>TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC), como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Psicologia. TCC sob orientação do Professor Rodrigo Torres Oliveira.

<sup>2</sup> Filósofo (PUC-MG), Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa PUC-MG. Pesquisador residente no programa "The Global Posthuman Network" (2022-2023); Pesquisador pelo núcleo "Pratiques et théories du sens" Universidade de Paris VIII (2010-2015). Professor, pesquisador, Esquizodramatista, Esquizoanalista e membro do Instituto Gregorio Barenblitt. Realiza pesquisas com temas relacionados as novas tecnologias e processos de subjetivação; narrativas e escritas eletrônicas. Possui um canal de experimentações em imagens, textos e práticas esquizoanalíticas: @deleuzerecombination E-mail: marcelobfontes@gmail.com

## INTRODUÇÃO

### SEMEAR PALAVRAS<sup>3</sup>

A proposta deste trabalho de conclusão de curso visa dar continuidade as pesquisas e estudos sobre os conceitos de “clínica” e de “esquizoanálise”. Pesquisas estas que passaram a ganhar consistência a partir do curso de especialização denominado “Análise Institucional e Esquizoanálise: clínicas de grupos e redes sociais”, realizado pelo Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte, sob orientação<sup>4</sup> de Gregorio Baremlitt<sup>5</sup>, nos anos de 2003-2004.

Diante do encontro com o Professor Baremlitt, os estudos acerca de uma “clínica esquizoanalítica” se intensificaram. E, em uma trajetória de estudos e pesquisas, neste momento em que me encaminho em direção a conclusão da graduação em Psicologia, a temática de uma “cartografia clínica” retorna mais intensamente. Porém, pensada e articulada com as formas desejantes e revolucionárias no que se faz funcionar e pensar em uma “clínica psicoterapêutica” a partir dos conceitos de “Esquizoanálise” e de “cartografia”. Importante demarcar o início dos estudos da Esquizoanálise no Brasil, mais pontualmente no final de século XX, com a imigração de Baremlitt ao Brasil

---

<sup>3</sup> “Nos primeiros passos de minha vida, os mais velhos me orientaram a ouvir os cantos dos pássaros e os chiados da mata. Compreendo o ambiente onde dei os meus primeiros passos com uma das bases de lançamento da minha trajetória. Uma memória maravilhosa desse tempo, que ainda pulsa, é acordar ouvindo o canto da passarada informando quais as condições meteorológicas do dia”. BISPO dos Santos, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu editora, 2023, p.10.

<sup>4</sup> Aproveito esta oportunidade para apresentar ao leitor um pouco da trajetória deste que escreve estas escritas. Se encontram nos anexos duas cartas de apresentação: uma por Gregorio Baremlitt e outra de Plinio W Prado Jr, Docteur d’État, Maître de conférences et Directeur des recherches doctorales, Université de Paris VIII. E uma carta aberta (ao departamento de Paris 8) de Plinio W Prado Jr referente ao “espírito” da Universidade de Paris 8, no qual demonstra os efeitos da política neoliberal; - datada no início de novembro de 2014.

<sup>5</sup> Para mais informações sobre a trajetória de Gregorio Baremlitt, o texto “Gregorio Franklin Baremlitt, o guerreiro do devir... cuidado, insurgências inventivas, utopias libertárias”. Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/36967>> Acesso em 15 de Out de 2023.

(1977) e, conjuntamente, com o “Núcleo de Estudos da Subjetividade<sup>6</sup>” na Universidade Católica de São Paulo nos anos 80. Desta forma, uma Esquizoanálise ou um pensamento da diferença<sup>7</sup> passa a ocupar espaço dentro dos cursos<sup>8</sup> de Psicologia em diversas universidades brasileiras<sup>9</sup>.

Importante relatar a produção de um território na construção, pesquisa e formação em que este trabalho é escrito. Relevante enunciar o campo social produzido pela cidade de Barbacena, Minas Gerais, na oferta de uma formação em Psicologia pela Centro Universitário Presidente Antônio Carlos de Barbacena. Território onde se vivenciou o chamado Hospital Colônia de Barbacena. A cidade de Barbacena sediou um Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB) que ganhou repercussão nacional e mundial pelo tratamento dados aos “alienados”<sup>10</sup>. Desta forma, pontua-se a relevância da não

---

<sup>6</sup> Sobre o Núcleo de Subjetividades da Puc São Paulo: “O Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, vinculado ao programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, vem desenvolvendo um trabalho em torno da questão da subjetividade, seus processos de formação e seus impasses, especialmente no contemporâneo. Embora variem significativamente as direções de pesquisa, três aspectos as aproximam: a transdisciplinaridade; a opção por autores que abordem a subjetividade fora do âmbito da identidade e da representação; o interesse por repensar as práticas clínicas em função destas indagações. As atividades do Núcleo, coordenadas pelo corpo docente fixo e pesquisadores convidados, são abertas a pós-graduandos em geral e a não-universitários interessados em participar deste debate”. Disponível em <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade>> Acesso em 15 de Out de 2023.

<sup>7</sup> “Pragmática Universal, Filosofia da Diferença, Micropolítica, Estratoanálise, Nomadologia, Nomadopraxis, Utopia Ativa, Pop Análise” são outros nomes que podem ser utilizados para nomear a Esquizoanálise (Hur, 2022, p.7-8).

<sup>8</sup> Não apenas no curso de Psicologia que a Esquizoanálise tem se “infiltrado”, é possível encontrá-la em uma variedade de cursos. Destaca-se também a tese intitulada: Esquizoanálise e cartografias no pensamento jusfilosófico: percursos do *logos* ao *nomos*. Disponível em <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/6657/1/Josy%20Anne%20Neves%20Panao.pdf>> Acesso em 25 Out de 2023.

<sup>9</sup> Para o leitor que tenha o desejo de se aprofundar nas teorias e práticas de uma Esquizoanálise nos cursos de formação em Psicologia pelo Brasil, tem se destacado a tese de doutorado da Kelly Dias Vieira intitulada “Esquizoanalistas O que fazem? Uma cartografia da clínica Esquizoanalítica na Psicologia”: “O presente estudo realiza uma analítica da Esquizoanálise enquanto possibilidade clínica para a área de conhecimento e intervenção da Psicologia.”. Disponível em <[https://www.academia.edu/99410005/ESQUIZOANALISTAS\\_O\\_QUE\\_FAZEM\\_Uma\\_cartografia\\_da\\_cl%C3%ADnica\\_esquizoanal%C3%ADtica\\_na\\_Psicologia](https://www.academia.edu/99410005/ESQUIZOANALISTAS_O_QUE_FAZEM_Uma_cartografia_da_cl%C3%ADnica_esquizoanal%C3%ADtica_na_Psicologia)> Acesso em 15 de Out de 2023

<sup>10</sup> Para ampliar este importante debate, a tese “Exilados Na Pátria: o tratamento de “alienados” no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, 1903-1979, de Elizeu de Assis. Disponível em <[https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/13063/1/TESE\\_ExiladosP%C3%A1triaTratamento.pdf](https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/13063/1/TESE_ExiladosP%C3%A1triaTratamento.pdf)> Acesso em 16 de Out de 2023. Sobre a temática referida, destaca-se o livro de Daniela Arbex O Holocausto Brasileiro: Vida e Genocídio e 60 mil mortes no maior Hospício do Brasil (2013). Livro de Arbex que virou documentário da HBO e adaptação para TV com a série Colônia (2021), da Globoplay: Disponível em <<https://globoplay.globo.com/colonia/t/RGX71ZS8Nn>> Acesso em 07 de Set de 2023

neutralidade dos territórios sobre aqueles que o vivenciam. E o modo como estes territórios produzem também seus processos de subjetivação<sup>11</sup>.

A composição destas linhas se deu enquanto uma cartografia no que diz respeito ao mutante, inesperado e a invenção. Um texto que ao mesmo tempo que é escrito se transforma em algo outro, um desafio: de não se deixar ser capturado, aprisionado ou pautado pela lógica da falta ou da produção performática neoliberal. E faz um convite ao leitor que experimente e trace *a sua própria* leitura<sup>12</sup>. Ou, no uso do termo por Deleuze e Guattari, experimente seus “Mil Platôs”<sup>13</sup>. Destacam-se também as contribuições de Gregorio Baremlitt<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Interessante o modo como Michel Foucault pensa modos de subjetivação enquanto a capacidade do homem modificar a si mesmo e aos outros. Foucault, M. (2000) O que são as Luzes? Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. **Ditos e escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000 p. 343)

<sup>12</sup> Em um livro publicado em 1975 de Deleuze e Guattari dedicado a obra de Kafka, os autores se perguntam: “Como entrar na obra de Kafka? Trata-se de um rizoma, de uma toca. O Castelo tem ‘entradas múltiplas’ cujas leis de uso e de distribuição não são bem conhecidas [...] Entraremos então por qualquer extremidade, nenhuma vale mais que a outra, nenhuma entrada é privilegiada, mesmo se for quase um beco sem saída, uma estreita passagem, um sifão, etc. Procuraremos apenas com quais pontos se conecta aquele pelo qual se entra, por quais cruzamentos e galerias se passa para conectar dois pontos, qual é o mapa do rizoma, e como imediatamente ele se modificaria se entrássemos por um outro ponto [...] uma obra que na verdade se propõe apenas à experimentação”. DELEUZE; GUATTARI. **Kafka por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 7.

<sup>13</sup> Podemos pensar também “Mil Platôs” como o livro das multiplicidades. Desta forma, destaca-se que “Mil Platôs” seria um outro nome para “cartografia”. E desta forma, nomearemos, subtópicos deste texto com enunciados que possam permitir uma potência da cartografar. “Chamamos de ‘platô’ toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma” (Deleuze, Guattari, 1995, p. 32).

<sup>14</sup> O Esquizodrama de Gregorio Baremlitt é um dos mais relevantes e potentes dispositivos criado para intervir no real. Nas palavras do Baremlitt: “O esquizodrama foi em princípio uma invenção minha e de um grupo heterogêneo de profissionais, na Argentina no ano de 1972-1973. Eu tinha uma formação psiquiátrica, freudo-marxista e institucionalista (em Análise Institucional) [...] tinha saído com o grupo Plataforma Argentina por razões ético-políticas da Associação Psicanalítica Argentina, onde estava fazendo a minha formação psicanalítica ortodoxa. Na data mencionada publicou-se a tradução espanhola do Anti Édipo, o célebre livro de Deleuze e Guattari. Eu não tinha contado prévio com a obra desses autores. A leitura deste livro, que achei muito difícil, consolidou minhas críticas à psicanálise, ao materialismo histórico e à economia liberal, assim como me ensinou a imanência entre os conhecimentos resgatáveis desses monumentos práticos. Imediatamente me senti impulsionado, como o texto esquizoanalítico o recomenda e possibilita, a inventar algo pragmático sobre a sua base, não porque o texto em si não o fosse. Trabalhamos sigilosamente com dramatizações, muito das quais tratavam de nossas situações de segurança, de alguma prática político-terapêutica possível a serviço das forças de resistência contra ditadura e das vicissitudes do exílio. Combinamos dramatizações guiadas pelos princípios do Anti Édipo, diversos tipos de música, massagens reichianas, alucinógenos sintéticos, gravações do acontecido etc. Para resumir, o esquizodrama foi exercitado em vários lugares do interior da Argentina, em diversos países da América Latina e da Europa, amiúde, acompanhado de um curso de introdução à esquizoanálise, análise institucional e ao esquizodrama”. Posfácio referente a o livro Rossi (2021, p. 162)

para a clínica<sup>15</sup>, quando este a pensa como *clínica* (neologismo proveniente de Clinamen – desvio) que visa criar deslocamentos das entidades consolidadas (Baremlitt, 2019), bem como pensar novos modos de existir de indivíduos, de sociedades, de instituições e organizações sociais. Ressaltamos o uso metodológico da cartografia enquanto um grande rizoma clínico, que “conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza” (Deleuze, Guattari, 1995, p. 31). Deleuze (2005, p. 53) em seu livro sobre Foucault dizia que “escrever é vir-a-ser; escrever é cartografar”. E cartografar será, portanto, situar por quais espaços que somos constituídos e que também nos constituem.

## 1 – DESENVOLVIMENTO: *Open Software*

A Esquizoanálise *surge* após os acontecimentos de maio de 68<sup>16</sup> na França, escrita e produzida pelos pensadores, o filósofo Gilles Deleuze e o então psicanalista, Félix Guattari, enquanto um conjunto disjuntivo<sup>17</sup> de saberes plurais e heterogêneos, teórico-político-clínico em sua obra publicada em 1972 denominada de “O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia”. E em 1980 foi publicada um segundo volume chamado de “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia”. Pode-se demarcar que esse conjunto de saberes se compõe e produzem um modelo “aberto”, ou seja, não restrito a uma escola, mas uma análise dos agenciamentos<sup>18</sup> micropolíticos, tanto quanto dos investimentos

---

<sup>15</sup> Sobre o conceito e história da Clínica, sugere-se ao leitor a obra de Michel Foucault: o nascimento da clínica, publicado originalmente em 1980 e a obra de Georges Canguilhem: o normal e o patológico, publicada em 1966.

<sup>16</sup> Para uma melhor contextualização do Maio de 68 na França, o artigo denominado “O maio de 68 francês: sentidos e recuperações”, traz pistas de leitura e entendimento ao evento Francês: “O presente artigo busca investigar a batalha discursiva em torno dos eventos do Maio de 1968 no contexto francês. 50 anos depois, o sentido do acontecimento continua em aberto e em disputa, entre a recuperação neoliberal dos eventos e a necessidade de repolitizá-los a partir de uma análise que faça justiça à história”. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rdp/a/z6ZcVZyJbzxXqBYBTzSyJwF>> Acesso em 16 de Out de 2023.

<sup>17</sup> Ver a obra de PAZ, Octavio. **Conjunções e disjunções**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

<sup>18</sup> “Só há desejo agenciado ou maquinado” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 77)

desejantes a propor uma cartografia que agencie um conjunto de práticas e saberes que têm como proposta intervir no real. É relevante propor um pensamento<sup>19</sup> de uma Esquizoanálise enquanto um código aberto, assim como os modelos de “Software Aberto” que se aproximam ao modelo tecnológico de *Open Software*. Pois, diferentemente de uma repetição dos saberes ocidentais coloniais, uma Esquizoanálise nos convida a uma movimentação desejante de outros mecanismos de funcionamentos para que possam atuar e intervir no campo social. Importante ressaltar que há uma grande prudência em pensar o modelo aberto, pois como veremos mais adiante, há tarefas a serem feitas para uma realização de uma Esquizoanálise. Valendo-se agora de uma breve apresentação do código aberto e, posteriormente, como poderemos relacioná-lo ao campo esquizoanalítico:

Distribuição livre: a licença de uso do software não pode restringir a distribuição ou venda do software em questão, nem exigir a cobrança de taxas ou qualquer tipo de royalties.

Trabalhos derivados: a licença deve permitir modificações e a criação de software derivado do software aberto original. Os produtos do software aberto também podem ser distribuídos de forma aberta.

Discriminação: não poderão haver discriminação contra pessoas ou grupos de pessoas na distribuição do software. Alguns países como os EUA possuem restrições de exportação a certos países. A licença de software livre não pode fazer tais restrições embora possa alertar sobre a existência de outras leis sobre esse respeito.

Restrição quanto ao uso: licenças de software aberto não pode fazer nenhuma restrição quanto ao tipo de uso que será dado ao software.

Distribuição da licença: a licença é válida para qualquer pessoa que recebe o programa em qualquer redistribuição. Não é necessário escrever uma nova licença a cada redistribuição.

A licença não é específica ao pacote: os direitos de distribuição associados a um programa são válidos independentemente do pacote no qual o programa está inserido. Desta forma, não é permitido pegar-se um determinado programa de um grande pacote e distribuí-lo com uma licença fechada. A licença aberta se aplica a todas as partes do pacote. (Kon, 2001, p. 07)

---

<sup>19</sup> Importante a pontuação que não haveria uma dicotomia entre pensamento e prática. Ou seja, pensar torna-se uma ação, uma *práxis*.

Acima foram apresentados definições e funcionamentos de uso e distribuição de programas que possam ser usados e modificados pelos usuários sem a necessidade de uma licença prévia. Porém, possamos usar o exemplo supracitado para pensar que em uma Esquizoanálise se encontra um processo de agenciamentos maquínicos próximos aos códigos abertos computacionais. Ou seja, não existe uma “licença” para o uso ou mesmo a necessidade de uma formação em Esquizoanálise<sup>20</sup> para que se possa fazer o uso desta nomenclatura. Há sim uma série de fatores éticos, estéticos, políticos, ecológicos, tecnológicos e clínicos que ajudarão a produzir e a operar uma formação<sup>21</sup> aberta e (des)continuada em Esquizoanálise. Em outros termos, um contracolonialismo dos processos de viver e sua relação com o Planeta Terra com seus outros habitantes<sup>22</sup> e formas de habitação (Bispo dos Santos, 2023).

André Rossi (2021) nos apresenta em seu livro “Formação em Esquizoanálise: pistas para uma formação transdisciplinar” (2021) diversas problematizações no que consta a questão de uma formação em Esquizoanálise. Para isso, Rossi se interroga sobre o que se forma enquanto formação em Esquizoanálise. Na trajetória de seu livro, com o objetivo de analisar a formação clínica, o autor traça o percurso do surgimento do campo *psi* no Brasil:

O início do ensino da psicologia no Brasil se dá logo após a Proclamação da República com a introdução da disciplina no currículo das escolas normais nas três primeiras décadas do século XX, as poucas atividades ligadas à psicologia, na verdade, são psiquiátricas e estão estritamente dentro da medicina. No ensino superior, a inclusão da psicologia é posterior às mudanças educacionais ocorridas após o movimento da Revolução de 1930, dando início ao seu pertencimento universitário quando incluídas na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Na década de 40 a Psicologia já era reconhecida no Brasil tanto como disciplina científica quanto como instrumento para a solução de problemas humanos. De 1930 a 1950, período Vargas, a psicologia

<sup>20</sup> Destaca-se o Livro “Introdução à Esquizoanálise” (2003) de Baremblytt para aqueles com o desejo de aprofundar via a leitura de um glossário com conceitos como: desejo, realidade e realeridade, produção desejante, corpo sem órgãos, diferença e repetição, dentre outros.

<sup>21</sup> Este trabalho não se destina a problematizar uma formação em Esquizoanálise, muito menos fazer um exercício crítico-comparativo de conceitos entre a Esquizoanálise e a Psicanálise, mas em evidenciar a existência de uma produção de uma cartografia. Caso o leitor queira adentrar em uma leitura aprofundada entre esquizoanálise e psicanálise, recomenda-se a obra de Baremblytt: ***psicoanálisis y esquizoanálisis*** (*un ensayo de comparación crítica*). Argentina: ediciones Madres de Plaza de Mayo, 2004. 356p

<sup>22</sup> Donna Haraway em seu livro “Quando as espécies se encontram” (2022) problematiza que os humanos dividem a terra com outros seres, como bactérias, animais, máquinas e ferramentas que moldam o mundo. Trata-se, então, de habitar um mundo com seus outros habitantes.

comparece no bojo da modernização e industrialização, concentrando seu corpo em duas áreas distintas: educação e trabalho. [...] O primeiro curso de Psicologia é criado na PUC do Rio de Janeiro em (1953), seguido pelo curso da USP em 1957 e os demais vieram em seguida. Embora a Psicologia tenha sido regulamentada apenas em 1962, o período antecedente é de muita complexidade, tanto pela criação dos primeiros cursos tanto pela luta de grupos diferentes para a construção da identidade dessa psicologia por meio da proposição de sua grade curricular. Foram três anteprojetos até aquele que culminou na regulamentação. Falando da competência clínica, o primeiro anteprojeto, de 1953, previa a presença do exercício clínico para o psicólogo. No segundo, de 1957, há a ausência do exercício clínico. No terceiro, de 1962, há a presença novamente, embora nomeado como “problemas de ajustamento”, visando demarcar esse território para a psicologia ao mesmo tempo em que não fazia um confronto direto com a força política da medicina, quem detinha o exercício da psicologia até então. A partir do último anteprojeto de 1962 é aprovada a formação do psicólogo e seu exercício profissional, segundo a lei 4.119. A psicologia então é regulamentada pela resolução n.28/62, definindo o Currículo Mínimo, um núcleo de matérias indispensáveis para a formação em psicologia, vigente até 2004, quando as Diretrizes Curriculares Nacionais em Psicologia vieram substituí-lo. (Rossi, 2021, p. 42-43)

A citação acima tem como proposta proporcionar ao leitor, assim como um mapa, uma dimensão ao percurso da Psicologia como processo e matéria até se solidificar em meios institucionais. Percurso importante este, pois se solidificou como uma prática que visa ao cuidado especializado com o psiquismo e processos de intervenções no social. Pontua-se neste trabalho uma não necessidade de uma formação em Esquizoanálise por processos institucionais de uma escola a ser seguida ou um manual em que fornecerá as fontes verídicas de instruções. Porém, a existência no Brasil de grupos e organizações que visam o estudo de uma Esquizoanálise não anulam a proposta de formação aberta. Mas os encontros grupais e coletivos promovem e permitem uma diversidade de compreensão, intervenção e inovações dos conceitos referentes a uma Esquizoanálise.

Em uma entrevista, Guattari (2022) é questionado sobre o estatuto e o funcionamento da Esquizoanálise:

A esquizoanálise não foi inventada por esquizoanalistas. Haverá um agenciamento esquizoanalítico lá onde houver urna revolução molecular. Penso que efetivamente exista um processo objetivo de revolução molecular e que a esquizoanálise não é algo que deva ser inventado - certamente não é necessário haver escola de esquizoanálise. A esquizoanálise está em curso quando as mulheres

buscam mudar suas relações com o desejo e com o corpo, quando as mães buscam mudar suas relações com as crianças ou quando militantes buscam elaborar novos sistemas de intervenção que contestem a fratura entre o político e o pessoal. A esquizoanálise é um processo de análise do inconsciente e de todas as semiotizações postas em ato por um inconsciente criador e em construção, e não por um inconsciente ligado ao passado ou fixado em complexos universais estratificados. Tudo aquilo que é construído por este inconsciente, que o analisa, que o miniaturiza, que o trabalha, é esquizoanálise. Havia chamado isto de analisador, para dessubjetivar a função-análise. O termo analisador foi retomado por alguns psicossociólogos franceses de um modo que não me agradava, então renunciei à expressão. Talvez devesse também renunciar ao termo esquizoanálise. Mas pouco importa, não me interessa pelas palavras enquanto tais. O agenciamento esquizoanalítico é algo que busca romper com os modos individuados de subjetivação relativos ao inconsciente, quer se chame o psicanalista, o pedagogo, o militante, o artista, isto é, todas as figuras que buscam recentrar o processo no próprio modo individuado de subjetivação. Na Esquizoanálise, a intervenção humana, a intervenção de uma função, é apenas um componente conectado a um outro no interior de um agenciamento maquínico. (p. 85-86)

Nota-se que a Esquizoanálise, na fala de Guattari, aproxima-se mais de uma relação de agenciamentos que visa a romper com os códigos estabelecidos em relações micropolíticas desejantes<sup>23</sup>. Pois, o desejo, para Deleuze e Guattari não é o mesmo desejo constituído pela psicanálise, que visa restaurar o narcisismo perdido, sendo uma força conservadora (Barembliitt, 2013, p. 117). Desta forma, para Deleuze e Guattari o desejo é sinônimo de produção<sup>24</sup>. Mesmo quando se diz de uma falta, esta falta é também produzida. Assim, o desejo é uma atividade de produção, “uma experimentação incessante, uma montagem experimental” (Zourabichvili, 2004, p.69). E ainda:

A esquizoanálise configura-se como um campo *trans*, de análise e intervenção sobre sistemas hipercomplexos, metaestáveis, que agencia um conjunto de saberes e práticas que visa intervir, diretamente no real, com a finalidade de potencialização da vida e a expressão da diferença, das multiplicidades e suas dissidências. Prescinde das mediações via simbólico, estrutura, normalizações, e articula conhecimentos de várias áreas, como: Filosofia, Psicanálise,

---

<sup>23</sup> “Deveríamos prescrever a poesia como vitaminas: ‘Cuidado meu velho, na sua idade se você não tomar poesia, as coisas não vão melhorar’”. GUATTARI, Félix. **Os anos de inverno 1980-1985**. São Paulo: n-1 edições, 2022, p.109.

<sup>24</sup> A produção também pode ser capturada por processos próprios da superfície de registro-controle e de consumo-consumação, como nos aponta Barembliitt (2003, p.86). Essas superfícies ou funções são imanentes e podem estar interligadas a processos de entidade molares, como os grande equipamentos, sejam eles o Estado, a Igreja, as forças armadas.

Arte, Política, Linguística, Biologia, operando insólitas conexões e deslocamentos metodológicos. (Hur, 2022, p. 07)

Desta forma este trabalho tem como objetivo discutir e apresentar a partir dos rastros de uma cartografia esquizoanalítica, demonstrar que o conceito de cartografia clínica implica em relações psicoterapêuticas. O trabalho visa a problematizar e demonstrar como esta pode ser uma ferramenta/dispositivo para psicólogos. Trata-se de uma produção textual rizomática, uma cartografia dos processos subjetivos e afetivos que se conectam e desconectam enquanto processos de subjetivações em mutação, transformação na produção de corpos múltiplos e agenciamentos maquínicos<sup>25</sup>. Especificamente, o debate e a problematização de uma Esquizoanálise enquanto uma cartografia clínica e rizomática. É a produção de uma saúde à luz de uma Esquizoanálise. As hipóteses levantadas são que uma cartografia clínica consiste em inventar, experimentar dispositivos para detectar os processos e efeitos na produção de uma multiplicidade de diferenças. Esta pesquisa, em sua natureza de não apenas uma revisão bibliográfica, mas também de uma experimentação crítica das cartográfica enquanto referências bibliográficas citadas neste trabalho. E enquanto um conjunto de retalhos, arquiteta e adota pontos de vista, modos de expressão a fim de reinventar novos e outros modos desejantes, para além de um mundo que tem buscado a opressão colonial por função em captar e capturar as forças do desejo, subjugando-o e desviando-o para investimentos improdutivos e de morte (Mbembe, 2020, p. 17).

---

<sup>25</sup> Relevante ampliar o conceito de agenciamento maquínico e a relação ao inconsciente maquínico que diverge do inconsciente psicanalítico. Para isto o texto "Alguns pontos de debate com o conceito freudiano de inconsciente em O anti-édipo. IN: **Inconsciente-multiplicidade: conceito, problemas e práticas segundo Deleuze e Guattari**. São Paulo: UNESP, 2007.

## 1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

### TODOS SOMOS *BRICOLEURS*<sup>26</sup>

Temos enquanto proposta trabalhar uma fundamentação teórica agenciada com a metodologia. Pois, como já fora descrito no início deste trabalho, a cartografia é ao mesmo tempo uma proposta de fundamentação teórica e uma metodologia.

Método da cartografia tem como direção clínico-política o aumento do coeficiente de transversalidade, garantindo uma comunicação que não se esgota nos dois eixos hegemônicos de organização do *socius*: o eixo vertical que organiza a diferença hierarquicamente e o eixo horizontal que organiza os iguais de maneira corporativa. A natureza política do método cartográfico diz respeito ao modo como se intervém sobre a operação de organização da realidade a partir dos eixos vertical e horizontal. Grosso modo, podemos dizer que a operação de organização hegemônica/majoritária do *socius* se dá na forma da conexão entre variáveis menores em oposição a variáveis maiores. Por outro lado, há outra operação, dita operação transversal, que conecta devires minoritários. (PASSOS e BARROS, 2009, p.28).

A metodologia tanto quanto a fundamentação é imanente entre si, ou seja, indissociáveis, “com seus acoplamentos e conexões”. Pensar com o método cartográfico é pensar e experimentar uma prática clínica enquanto operação de produção de novas realidades para além das normativas ou que comportam um parâmetro enquanto essência, o verídico absoluto. A cartografia neste trabalho é também pensada e experimentada enquanto um rizoma, uma clínica que desorganiza o organizado, estabelecido pelo modelo cartesiano. O Rizoma não é exato, mas um conjunto de elementos vagos e nômades: “do ponto de vista do *páthos*, é a psicose e sobretudo a esquizofrenia que exprimem estas multiplicidades” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 221). É uma circulação de estados, uma combinação anômala cujos resultados não podemos prever ou organizar,

---

<sup>26</sup> “*Todos somos bricoleurs*, não apenas no sentido de podermos desviar múltiplas coisas deste ou daquele conjunto funcional para vários outros, mas também porque nossas próprias máquinas se engrenam multiplamente”. Nota do tradutor (Deleuze; Guattari, 2010, p. 11)

pois ele “é feito de direções móveis, sem início nem fim, mas apenas um meio, por onde ele cresce e transborda, sem remeter a uma unidade ou dela derivar” (Pelbart, 2003, p. 35). O rizoma e a cartografia é sempre *intermezzo*.

Relevante compartilhar com o leitor a metodologia no qual fora escrito a obra “O Anti-Édipo” de Deleuze e Guattari. Para Deleuze (1992, p. 24), o que o interessava era quando uma página pudesse fugir por todos os lados e, no entanto, que esteja “bem fechada sobre si mesma, como um ovo. Além disso, que haja num livro retenções, ressonâncias, precipitações, e um monte de larvas”. Guattari (2016, p. 59) dizia que um estudante do Canadá o interpelou com uma página do livro Anti-édipo dizendo: “eu arranquei esta página porque é uma passagem que quero ter sempre comigo”. Guattari achava intrigantes e estranhos esses acontecimentos que ocorriam aos leitores de sua obra com Deleuze e diziam que “é assim que todos somos *bricoleurs*” (Deleuze, Guattari, 2011, p. 11)

Deleuze (1992, p. 26-27) dizia que Freud descobriu o desejo enquanto libido, desejo que produz, e ao mesmo tempo “re-aliena sem parar a libido na representação familiar (Édipo)”. E o “rebatimento do desejo sobre uma cena familiar que faz com que a psicanálise desconheça a psicose, só se reconheça na neurose uma interpretação que desfigura as forças do inconsciente”.

Deste ponto, nota-se de forma mais clara as divergências entre a esquizoanálise e a psicanálise. Pois, a psicanálise se configuraria enquanto:

um sistema de rebaixamentos, de reduções na teoria e prática analíticas: redução da produção desejante a um sistema de representações ditas inconscientes, e a formas de causação, de expressão e de compreensão correspondentes; redução das fábricas do inconsciente de uma cena de teatro, Édipo, Hamlet; redução dos investimentos sociais da libido aos investimentos familiares, rebatimentos do desejo sobre coordenadas familiares, ainda o Édipo. Não queremos dizer que a psicanálise inventa o Édipo. Ela responde à demanda, as pessoas que chegam com seu Édipo. A psicanálise não faz mais do que elevar Édipo ao quadrado, Édipo transferência, Édipo de Édipo, no divã como uma terrinha lamacenta. Porém, familiar ou analítico, O Édipo é fundamentalmente um aparelho de repressão das máquinas desejantes, e de modo algum uma formação do próprio inconsciente (Deleuze, 1992, p. 27-28).

Para Deleuze e Guattari há “uma distinção da esquizofrenia enquanto processo e a produção do esquizo como entidade clínica boa para o hospital”, haveria uma razão inversa neste processo, pois:

“O esquizo do hospital é alguém que tentou alguma coisa e que falhou, desmoronou. Não dizemos que o revolucionário seja esquizo. Afirmamos que há um processo esquizo, de descodificação e de desterritorialização, que só a atividade revolucionária impede de virar produção de esquizofrenia.” (Deleuze 1992, p. 35-36)

Desta forma, o passeio do esquizofrênico é um “modelo melhor do que o neurótico deitado no divã” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 120). Deleuze e Guattari nos convidam a pensar e a experimentar uma outra forma de caminhar. Para Francesco Careri (2013), o caminhar é uma prática ética que implica uma transformação do lugar e de seus significados. O caminhar como uma forma clínica, destaca-se a obra denominada, “Clínica Peripatética” de Antônio Lancetti que visa nos encontros terapêuticos fora dos muros institucionais uma prática de saúde e clínica do *fora*.

Enquanto uma cartografia clínica que promove uma convocatória de conexão dos materiais que estariam desconectáveis entre si, se pergunta em uma metodologia quais seriam os intercessores neste caminho de diversidades múltiplas.

## **POR ONDE ANDAM NOSSOS INTERCESSORES / ANCESTRAIS<sup>27</sup>?**

Importante dizer que precisamos de nossos intercessores para nos exprimir, pois os intercessores nos pegam em “flagrante delito de fabular”. (Deleuze, 1992, p. 157), e promovem desvios, abrindo novos caminhos, ampliando horizontes perceptivos e expressivos. Intercessores, conforme Deleuze em seu livro *Conversações* (1992): “Podem ser pessoas [...] mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados” (Deleuze, 1992, p. 156), e são necessários para a criação, são eles que tornam possível o surgimento de algo novo, o advir de uma

---

<sup>27</sup> “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” – citação presente no livro de KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2022.

diferença, uma cartografia. Deleuze nos indica também que é necessário fabricar os nossos próprios intercessores e estabelecer uma série, toda uma maquinaria e seus dispositivos, promovendo conexões entre diferentes termos, de modo que nos seja possível perceber suas repetições e a partir destas dar vazão às diferenças.

E sempre haverá espaço para a criação de propostas outras, variações novas e invenções clínicas<sup>28</sup> que nos permitem intervir, no sentido de um “vir entre”, compondo com as peripécias-vicissitudes nos mais diversos contextos e situações presentes nas tramas do cotidiano, especialmente quando envoltos em meio aos “ditos” rituais do habitual.

Nota-se na palavra intervenção, separadas e rearranjadas as suas sílabas, diferenciando-a, a proposição de se *ter-invenção* (in-ter-venção), ou seja, admitir as singularidades de cada encontro, pois um encontro não diz *a priori* a que veio, o que faz de uma cartografia clínica um dispositivo inventivo assaz potente que nos permite agenciar “Conectar, conjugar, continuar: todo um diagrama contra os programas ainda significantes e subjetivos”. (Deleuze; Guattari, 1996, p. 24) que tentam sufocar a vida e impedir os fluxos das diferenças.

Um agenciamento não tem por causa um sujeito, mas produz enunciados, corpos, desejos, diferindo-se em um emaranhado de linhas. Ademais, “indivíduos ou grupos, somos feitos de linhas” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 145), linhas de espécies variadas, dentre as quais podemos destacar as linhas segmentárias ou de segmentaridade dura, geralmente definidas por segmentos bem demarcados, molares, como os oriundos da família, da escola, do trabalho, de um mapa. Passamos de um segmento a outro, como se estivéssemos atendendo a um chamado ou palavra de ordem. Ao mesmo tempo temos linhas de segmentaridade bem mais flexíveis, moleculares, pois conforme Deleuze e

---

<sup>28</sup> Das invenções clínicas mais potentes da atualidade, destaca-se o esquizodrama de Gregorio Barembliitt. Em uma das definições de esquizodrama, Barembliitt (2019, p.26) nos relata: “*Esquizodramatizar* consiste em arquitetar e adotar pontos de vista, modos, veículos de expressão (oral, escrita, imagética etc.) para estudar, escolher e reinventar a teoria *esquizodramática*, segundo singularidades da formação específica de cada agente e de suas necessidades, inquietações e problemáticas *esquizoêmicas* e *esquizoclínicas* immanentemente militantes, de ‘prestação de serviços’, de pesquisa, de docência, de ‘terapia’ etc ... e também de sobrevivência”.

Parnet (1998), estas traçam pequenas modificações, fazendo desvios, e já se pode experimentar com elas alguns devires. Esta noção de linhas nos interessa ao trabalharmos em uma cartografia clínica, pois estas linhas ora se cruzam, ora se rompem, ora se emaranham, por vezes simultaneamente, e com elas algo de uma diferença há de-vir.

## **2 Análise da Pesquisa**

### **TODA VEZ QUE DOU UM PASSO O MUNDO SAI DO LUGAR<sup>29</sup>**

Nota-se nos dias de hoje um crescente sufocamento das diferenças, o que por vezes se dá alinhado aos projetos que sustentam as sociedades capitalísticas hegemônicas. Projetos normativos de consumo exacerbado, necropolíticos, misóginos, racistas, homofóbicos, transfóbicos, genocidas só para citar alguns tipos, que são trabalhados diuturnamente na produção de subjetividades serializadas a partir da promoção de rostidades docilizáveis que por sua vez são incorporadas em indivíduos, que como Deleuze (1992) nos indica no cenário das sociedades de controle, encontram-se “dividuos” e “endividuos”. Tal cenário também pode remeter às sociedades de desempenho e ter como efeito a despotencialização que configura uma sociedade do cansaço, conforme Byung-Chul Han (2017) nos alerta. Isso nos mostra que há demandas e que em uma cartografia clínica pode operar como um potente dispositivo de raspagem e criação de mundos e modos outros de viver.

É interessante notar uma cartografia clínica propicia um campo de sensações, tal como um dispositivo, escapa-se da predominância de

---

<sup>29</sup> Nome do álbum e de uma canção do grupo da zona de mata pernambucana: Siba & Fuloresta do Samba (2007).

representações e estereótipos, abrindo perspectivas para a composição com algo ainda não nomeável.

Nesta composição, os componentes verbais, gramaticais de uma língua maior, serão convidados a se desorganizar para que possa fazer surgir devires outros, novos modos de subjetividade: *je pense, donc je ne suis pas* (Blanchot, 1950, p. 114)

Afinal, o poder de ser afetado e de afetar é sempre efetivado na relação com outros corpos, corpos textuais, corpos em processos clínicos de transformação. Na relação entre sujeito consciente e “as coisas” do mundo há sempre um excedente não mensurável de intensidades, um *quantum* não codificável pelo pensamento consciente, que gera um campo de sensações onde se entrelaçam níveis sensitivos variados.

E essas intensidades são captadas nos/pelos corpos, daí a importância do corpo em suas cartografias clínicas, as quais permitem a realização das três tarefas básicas da esquizoanálise, uma negativa e duas positivas, conforme Deleuze e Guattari (2010), que experimentamos em um esquizoanálise:

A primeira, uma tarefa negativa que corresponde à raspagem, crítica e desmontagem do corpo estabelecido e “registrado” em sua unidade, totalidade e identidade. Este é o chamado corpo molar. Desconstrução das estruturas que bloqueiam o desejo no âmbito subjetivo-social. Trata-se de um exercício de desterritorialização.

A segunda, uma tarefa positiva, orienta-se como uma cartografia que tem como objetivo mapear e compreender o funcionamento dos agenciamentos e das máquinas, sejam estas sociais, técnicas e psíquicas.

Após a raspagem e a primeira tarefa positiva, a esquizoanálise parte para uma segunda tarefa positiva que visa à potencialização de microssensações, microperceptos e *affectos* atualizando-se na criação de uma possibilidade de vida, conjugando os investimentos libidinais aos agenciamentos sociais, o que pressupõe um outro modo de circunscrever o tolerável e o intolerável, um devir sensível, ativo e afirmativo na produção de maneiras concretas de existência que

ampliem a vida. Tudo isto constitui um processo de subjetivação inseparável de um processo de criação social/existencial

## **AS COISAS IMPORTANTES NÃO ACONTECEM NUNCA ONDE NÓS AS ESPERAMOS <sup>30</sup>**

Com os agenciamentos mencionados acima, o que surge e se cria, advém da potência de fluxos desejanter que dão vazão à diferença. Cabe também atentar para um dos oito princípios da Esquizoanálise, tal como propostos por Guattari, de que “as coisas importantes não acontecem nunca onde nós as esperamos” (Guattari, 1988, p. 190), o que nos convoca, durante esta clínica, a uma conduta que trabalha com as dimensões de um contextualizar e descontextualizar, pois partimos de uma dada situação cuja repetição desterritorializa e promove as condições de um acontecimentalizar<sup>31</sup>, ou abertura aos acontecimentos em uma vida, que se configuram em novas composições permeadas pelas linhas e forças da diferença.

Entretanto, a cartografia clínica não se trata, em qualquer prática – clínica, social, política, cultural – de opor domínios – multiplicidades de grau e multiplicidades de natureza -, mas de concebê-las desde um registro de coexistência e interpenetração de dois tipos de multiplicidades, claramente distinguidas por Deleuze e Guattari:

---

<sup>30</sup> A proposição destacada é de Guattari (1980, p. 188-191) referente aos oito princípios de uma Esquizoanálise. São elas de forma resumida: 1) “Não impedir”: ficar, justamente, na adjacência da mudança em curso e extinguir-se tão logo possível; 2) “Quando acontece alguma coisa, isso prova que acontece alguma coisa”; 3) “A melhor posição para se ouvir o inconsciente não consiste necessariamente ficar sentado atrás de um divã”; 4) “O inconsciente compromete aqueles que dele se aproximam”; 5) “As coisas importantes não acontecem nunca onde nós as esperamos”; 6) “– transfers maquínicos (máquinas-transfers) que procedem aquém do significante e das pessoas globais, por interações diagramáticas a-significantes, e que produzem novos agenciamentos antes de representar e transmitir indefinidamente antigas estratificações”; 7) “Nunca nada é adquirido”; 8) “Toda idéia de princípio deve ser mantida como suspeita”.

<sup>31</sup> Temos aqui uma epistemologia da anarquia e da amizade e aproveitamos o texto denominado “Plágio Utópico, Hipertextualidade e Produção Cultural Eletrônica. In: **Distúrbio Eletrônico**. Critical Art Ensemble. Trad. Leila de Souza Mendes. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

Macro e micro multiplicidades. De um lado, as multiplicidades extensivas, divisíveis e molares; unificáveis, totalizáveis, organizáveis; conscientes e pré-conscientes – e, de outro, as multiplicidades libidinais inconscientes, moleculares, intensivas, constituídas de partículas que não se dividem sem mudar de natureza, distâncias que não variam sem entrar em outra multiplicidade, que não param de fazer-se e desfazer-se, comunicando, passando umas nas outras no interior de um limiar, ou além ou aquém (Deleuze; Guattari, 1995, p. 46).

Estamos, portanto, tratando de um plano ou dimensão da realidade, que não é habitada por formas, mas por forças, linhas de fluxos, agenciamento de cartografias, partículas em movimento, aquilo que Deleuze e Guattari denominam plano de composição e que aqui denominamos como cartografias clínicas.

Trata-se de um plano/dimensão em que tudo se move, plano da vida impessoal, em que tudo se repete não como forma, mas como excedente de intensidades disponíveis para a criação de modos subjetivos e de existências socioculturais, econômicas, políticas. Não se trata de uma dimensão ou ordem oculta escondida na profundidade das coisas, mas de uma dimensão imanente que muda continuamente com aquilo que ocorre a partir dela, já que todas as formas criadas são continuamente relançadas nesta dimensão.

Lapoujade (2015, p. 37) interroga: “Com efeito, o que é um plano? É uma espécie de corte, uma secção do sem fundo destinada a acolher tudo o que dele provém”. E assim podemos entender os procedimentos de uma cartografia clínica como montagem de um plano de composição a partir do qual se gestam diferenças de diferenças, atualizando modos de percepção do problema originalmente colocado.

Vale ressaltar que uma atitude afirmativa não recusa a negação. Pelo contrário, o Não ganha um estatuto mais radical. Implica na destruição ativa de sentidos e formas de existência caracterizadas pela opressão, mistificação, exploração e dominação do homem pelo homem, incluídas as formas de destruição da natureza. Por sua vez, o Sim aos modos de existência que elevam a vida à sua máxima potência está fundamentado numa ética da intensidade ou de intensificação da vida. Tal guia ético permite-nos a interrogação: qual o teor de vida, de pluralidade, de diversidade está presente nessa atividade? É isso

que uma cartografia clínica traz à tona com grande expressividade: aquilo que está no campo do identitário, da mesmice social e subjetiva e – principalmente – aquilo que emerge como transmutação da existência e afirmação de novidades em diferenciação contínua, pois sempre dessemelhante de si próprio. A cartografia clínica nos apresenta o mais estrangeiro em cada um de nós<sup>32</sup>, diríamos que ele nos apresenta Dionísio, o portador da estranheza, daquilo que nos é desconhecido e não reconhecível por nós. Afinal, Dionísio é a potência de afirmação da multiplicidade, o experimentador de infinitas formas de existência, sem fugir da destruição ativa daquilo que se repete como o mesmo, o único, o consagrado.

Em uma cartografia clínica, as ressonâncias se dão no pano de fundo das diferenças. Abrem-se caminhos para composições entre diferenças e alianças compatíveis com a produção de vida, ao mesmo tempo em que na raspagem friccionamos aquilo que não convém, que bloqueia o devir, que impede a energia desejanste, que nos fixa em um movimento reprodutivo infinito e entediante.

O que se apresenta em jogo é como acolher a diferença e se tornar nômade sem se referir à composição enquanto uma totalidade perdida e nem à uma totalidade ainda que por vir (Blanchot, 1969). A desordem, a incoerência, as falhas sabem compor muito bem com os fragmentos, produzem outros modos de insurgir pluralidades. A cartografia clínica anuncia que o retorno é desvio em sua estranheza e que o acolhimento é um modo de habitar sem hábito. É a afirmação da relação com o inacabado. Relação sem relação, vínculo como ruína e desastre (Blanchot, 1980) de qualquer forma de vínculo. Astúcia pelo qual o corpo floresce por meio da diferença.

---

<sup>32</sup> “Direito ao não sentido” IN: DELEUZE, Gilles. **Cartas e outros textos**. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: N-1 edições, 2018, p. 198.

## CONCLUSÃO

### UM CONVITE A EXPERIMENTAR<sup>33</sup>

O processo de escrita deste trabalho de conclusão de curso operou-se como um dispositivo de cartografia clínica e afetiva. Porque escrever é (se) por em movimento. É modificar-se para experimentar possibilidade de uma prática clínica. Esta foi uma das hipóteses levantadas nesta pesquisa. Seria possível uma experimentação esquizoanalítica através de uma cartografia clínica? A esquizoanálise pensada e praticada como uma multiplicidade seria uma variação da diferença. Eis a aposta desse trabalho de conclusão de curso. Uma aposta na existência de múltiplas realidades enquanto cartografias clínicas. Pois a clínica é também condição e peça nesta engrenagem que é uma vida. Porém, enquanto hipótese, é trabalhar com a engrenagem em novos arranjos e conexões. Fazer das engrenagens uma matéria de poesia, como propunha o poeta mato-grossense Manoel de Barros. Neste sentido, podemos dizer que a escrita e a leitura, enquanto em uma cartografia clínica da diferença, ignora os limites da identidade e do diferente, fazendo da experiência da escrita e daquele que lê uma multiplicidade incontrolável, em devir. Trata-se de tomar a escrita como um fluxo clínico que arrasta consigo todos os tipos de formas para um espaço sempre exterior. Espaço este que atravessa os corpos dos profissionais que atuam enquanto psicólogos. Fazer movimentá-los para que não

---

<sup>33</sup> “Eles dizem representação. Nós dizemos experimentação. Eles dizem identidade. Nós dizemos multidão. Eles dizem língua nacional. Nós dizemos tradução multicódigo. Eles dizem dominar a periferia. Nós dizemos mestiçar o centro. Eles dizem dívida. Nós dizemos cooperação sexual e interdependência somática. Eles dizem despejo. Nós dizemos habitemos em comum. Eles dizem capital humano. Nós dizemos aliança multiespécies. Eles dizem diagnóstico clínico. Nós dizemos capacitação coletiva. Eles dizem disforia, transtorno, síndrome, incongruência, deficiência, menos-valia. Nós dizemos dissidência corporal. Um tecnoxamã da Pocha Nostra vale mais que um psiconegociante neolacanian, e um fisting contrassexual do Post-Op é melhor que uma vaginoplastia protocolar. Eles dizem autonomia ou tutela. Nós dizemos agência relacional e distribuída. Eles dizem engenharia social. Nós dizemos pedagogia radical. Eles dizem detecção precoce, terapia genética, melhoramento da espécie. Nós dizemos mutação molecular anarcolibertária. Eles dizem direitos humanos. Nós dizemos a Terra e todas as espécies que nela habitam também têm direitos”. PAUL, Preciado. **Um apartamento em urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p.42.

permaneçam na paralisia do mundo normativo. Mas essa escrita revela que a inquietude, a diferença, os desvios e a experiência são modos de produção de saúde. E esta produção também convoca a pensar novos modos de intervir, criar e pensar a saúde na atualidade, nos territórios e nos consultórios clínicos. Pois, seria necessário também a desmontagem dos *settings* para fazer insurgir outros movimentos e clínicas. Clínicas de prudência e audácia, eis uma ética. E não estacionar as clínicas em modelos consagrados. Mas desfazer esses modelos, contracolonizá-los: tarefa que é diária e permanente. Assim como a tarefa da clínica: o cuidado. Não deixar se anestesiar frente as atrocidades do mundo, mas intervir para mundos mais dignos, justos e habitáveis para todos os habitantes do planeta. A Esquizoanálise como uma cartografia clínica é uma aposta para modificar os cenários estabelecidos, as identidades formatadas. A movimentar os corpos e colocá-los a bailar. E, necessariamente, cuidar. Cuidado este que também nos chama, urgentemente, por novos modos de (nos) encontrar. Isto é, uma pedagogia, uma clínica, um devir.

## Schizoanalysis: Toward a Clinical Cartography

### ABSTRACT

*After the events of the French May '68, authors Gilles Deleuze and Félix Guattari produced a work – "Anti-Oedipus" (1972) – of multifaceted and heterogeneous knowledge, exploring the intersection between capitalism and schizophrenia. It's a critical and political work that stimulates desiring processes and experimentation, embracing multiplicities and differences. From this work, we can characterize Schizoanalysis as a clinical cartography, a praxis aiming for a scraping away of representative models for the reproduction of subjectivities and reality. Instead, it fosters the creation and intensification of alternative modes of subjectivity, in other words, modes of subjectivation. The research's objective is to explore the concept of clinical practice in the Schizoanalysis of Gilles Deleuze & Félix Guattari and discuss potential contributions to psychotherapeutics in the psychological clinical field. The hypothesis raised here is that Schizoanalytic clinical practice serves as a device for clinical-therapeutic care and health promotion, facilitating alternative forms of existence.*

**Key-words:** Clinical. Schizoanalysis. Cartography. Psychology

## REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregorio. **Esquizodrama**: 10 proposições descartáveis. Belo Horizonte: IGB, 2019

BAREMBLITT, Gregorio. **Cinco lições sobre a transferência**. Elo Horizonte: Editora FGB/IGB, 2013.

BISPO dos Santos, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BLANCHOT, Maurice. **L'écriture du désastre**. Paris: Gallimard, 1980.

BLANCHOT, Maurice. **L'entretien infini**. Paris: Gallimard, 1969.

BLANCHOT, Maurice. **Thomas L'obscur**. Paris : Gallimard, 1950.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3. ed. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Claudia Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Trad Luiz Orlandi São Paulo, Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol 1. Trad. Aurélio Guerra e Célio Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol 3. Trad. Aurélio Guerra Neto *et al.* Rio de Janeiro: Ed 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo, Ed. 34. 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo, Ed. Escuta, 1998.

GUATTARI, Félix; BIFO, Berardi; BERTETTO, Paola. **Desejo e revolução**. São Paulo: Sobinfluência edições, 2022.

GUATTARI, Félix. **O inconsciente maquínico**: ensaios de esquizo-análise. São Paulo, Ed. Papyrus, 1988.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª Edição Ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KON, Fabio. **O Software Aberto e a Questão Social**. Relatório Técnico RT-MAC-2001-07. Disponível em <<https://www.ime.usp.br/~kon/papers/open-software.pdf>> Acesso em 18 de Out de 2003.

LAPOUJADE, David. **Os movimentos aberrantes**. São Paulo, N-1 Edições, 2015.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

PASSOS; BARROS. A cartografia como método de pesquisa e intervenção In: **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital**: Ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras. 2003.

ROSSI, André. **Formação em esquizoanálise**: pistas para uma formação transinstitucional. Curitiba, Appris, 2021.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

## ANEXO 1



**IGB**  
Instituto Gregorio Baremlitt

Instituto Felix Guattari / Instituto Gregorio Baremlitt

Belo Horizonte 09 de Abril de 2019

Eu, Gregorio Baremlitt, Presidente Honorífico do Instituto que leva meu nome em Belo Horizonte, tenho supervisionado, orientado e colaborado com o professor Marcelo Fontes que tem desenvolvido intervenções, estudos e pesquisas na área da Análise Institucional, da Esquizoanálise e do Esquizodrama. O professor Fontes tem elaborado uma prática crítica em pesquisa, intervenção e docência no nosso Instituto e noutros espaços. Nas suas atividades cabe destacar suas contribuições à Reforma Psiquiátrica brasileira, através de intervenções e trocas referentes ao papel das narrativas tecnológicas moduladoras: no exercício de perspectivas de espaços e de corpos em emancipação e de contra-vigilância aos grandes agrupamentos de dados (*o big data*). Tais recursos, por meio de diversos dispositivos tecnológicos, têm sido trabalhados pelo professor Fontes no seu emprego em pesquisas, intervenções e comunicações científicas (como por exemplo o emprego de dispositivos tecnológicos nos atendimentos), na produção de efeitos nos corpos, nas sensibilidades e expressividades, conscientes e inconscientes de indivíduos, grupos, coletivos e Instituições.

No decorrer da última década, na qual Marcelo Fontes passou cinco anos em estudos e pesquisas na Universidade de Paris VIII, as suas práticas têm se tornado mais consistentes vindo a contribuir para um debate sobre as transformações nas produções de *subjetivancia*: subjetividade e subjetivações, sejam elas nas práticas assistenciais, de ensino crítico, organização institucional e *movimentística*, o qual requereu implicar-se no trabalho com indivíduos, grupos e movimentos que buscam experimentar, vivenciar e explorar processos emancipatórios (ético, estético, político e tecnológico).

Marcelo Fontes trabalhou durante dez anos como professor nos cursos de Pós-Graduação Lato Sensu: "Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama: Clínica de Grupos, Organizações e Redes Sociais" do Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte; também tem ministrado laboratórios de Esquizodrama, coordenando seminários de estudos, de pesquisa e de práticas envolvendo uma crítica social, filosófica e política no panorama social e subjetivo das relações humanas contemporâneas.

*Baremlitt*

Gregorio Baremlitt  
Médico Psiquiatra – Livre-docente em Psiquiatria pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Buenos Aires  
Presidente Honorífico, Supervisor Geral de Pesquisa, Ensino, Publicação e Clínica do Instituto Félix Guattari/  
Instituto Gregorio Baremlitt de Belo Horizonte, Minas Gerais

*Amorim*

Margarete Amorim  
Coordenadora Geral do Instituto Félix Guattari/Instituto Gregorio Baremlitt de Belo Horizonte, Minas Gerais  
Psicóloga Clínica, Organizacional e do Trabalho (CRP-4967/04); Consultora, Supervisora e Professora em Políticas Públicas e Gestão de Equipes, Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama

011.029.166/0001-07  
INSTITUTO FELIX GUATTARI  
Rua Herval, 267  
Bairro Serra - 30.240-010  
BELO HORIZONTE - MG

Instituto Felix Guattari / Instituto Gregorio Baremlitt  
Rua Herval, 267 - Bairro Serra  
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil  
CEP: 30240-010  
Telephone: +55 31 3221-7352

## ANEXO2

**PARIS 8** UNIVERSITE  
VINCENNES - SAINT-DENIS

Département de Philosophie

École doctorale Pratiques et Théories du Sens

LLCP - Laboratoire d'Études et de Recherches sur les Logiques Contemporaines de la Philosophie - EA 4008

Paris, le 12 février 2015

### ATTESTATION

Je soussigné, Plínio W. PRADO Jr., docteur d'État et maître de conférences HDR au Département de Philosophie de l'Université de Paris VIII, atteste par la présente que les recherches de Monsieur Marcelo BARBOSA FONTES en vue du doctorat sont bien avancées. Monsieur Barbosa Fontes est en effet un chercheur actif, rigoureux et exigeant, qui fréquente toujours assidûment les séminaires concernant sa recherche, à l'École doctorale de Paris VIII et ailleurs.

Il poursuit sans discontinuer une recherche fouillée sur l'écriture de Maurice Blanchot, intitulée « L'espace de la pensée impossible dans la voix narrative de Maurice Blanchot ». Il m'a proposé récemment une nouvelle et dernière structuration de sa problématique et s'engage maintenant sur la ligne droite finale de sa recherche, à savoir : le travail de composition et d'écriture.

Compte tenu de ces éléments, nous sommes en droit d'estimer que la soutenance de la thèse de Monsieur Marcelo Barbosa Fontes devra avoir lieu au terme de la prochaine année universitaire 2015-2016, au plus tard. L'École doctorale de Paris VIII a pris acte de cet avancement et de cet agenda et lui a déjà renouvelé son inscription.

Il n'est pas besoin de préciser que d'ici là il lui est absolument indispensable de pouvoir régulariser également son titre de séjour, afin de pouvoir se consacrer entièrement à l'achèvement de sa recherche.

Pour servir et valoir ce que de droit.



*Plínio W. Prado Jr.*  
Prof. Plínio W. PRADO Jr.

Docteur d'État • Maître de conférences  
Directeur des recherches doctorales  
Directeur de la formation Master Philosophie  
Conseil du Laboratoire d'études et de recherches  
sur les Logiques contemporaines de la Philosophie  
École doctorale Pratiques et Théories du Sens

Département de Philosophie  
UFR Arts, Philosophie & Esthétique  
Université de Paris VIII

2, rue de la liberté  
F-93526 Saint-Denis Cedex  
Tel (33) (0)1 49 40 66 13  
Fax : (33) (0)1 49 40 66 68  
Site Internet : <http://www.univ-paris8.fr/>  
Site Internet du Master : <http://www.artweb.univ-paris8.fr>  
E-mail : [logos@univ-paris8.fr](mailto:logos@univ-paris8.fr)  
E-mail de P. W. Prado : [plinio.prado@univ-paris8.fr](mailto:plinio.prado@univ-paris8.fr)

### Anexo 3

Chers amis,

Il y eut un « esprit de Paris-8 », paraît-il. La légende l'aura accrédité largement en tout cas, au-delà des frontières nationales. Ce département en fut un lieu phare. Quoi qu'il en fût, si jamais il a eu lieu et moment, cet esprit n'est plus.

Par « esprit de Paris-8 » j'entends l'esprit que Foucault, le premier, décrivait dans « Le piège de Vincennes » (un piège ministériel, déjà). Quelque dix ans après, François Châtelet, alors directeur du département, l'a déployé avec d'autres dans le volume Vincennes ou le désir d'apprendre. Il y avait donc un désir d'apprendre. Il fut une composante vitale de l'« esprit de Paris-8 ». Celui-ci pourrait être caractérisé d'un mot : exercer sans relâche la critique de l'institué, y compris de l'institué dans son propre esprit, sur et sous toutes ses formes, y compris la forme critique. Ainsi parlait l'esprit alors. L'objet de la pratique critique nouait scrupuleusement les conditions universitaire, politique et sociale, tout à la fois (dans le droit fil de l'Université libre de Berlin à ses débuts). L'enjeu général n'était rien de moins que d'« émanciper la liberté de penser et de vivre ». Ce nouage entre « pensée » et « mode de vie », tel était l'objet qu'investissait le désir essentiellement ; sous la forme de désir d'apprendre, désir de penser autrement, désir de changer la vie (nouage qui faisait par exemple Foucault expliquer, avant son propre tournant étho-poétique, que l'Anti-Œdipe était un livre d'éthique, le premier d'ailleurs écrit en France depuis longtemps).

L'esprit aujourd'hui parle autrement. Il s'entretient plutôt de classements, de hiérarchies, de rankings, d'expertises, d'impact factor, de bibliométrie, de partenariats, d'offres de formation et de stratégies de recherche ; sur fond de

l'« université-monde », l'université du grand marché mondial de la connaissance. La pratique critique est passée dans la mouvance des cabinets administratifs et ministériels.

Les raisons de ce retournement sont bien connues, historiques, très courantes du reste. L'étau ministériel et européen du libéralisme cognitif, désormais mondial, n'a cessé de se resserrer autour de l'université et du département, plus de deux décennies durant. Ceux-ci y ont subi continuellement les « réformes » successives (diplomation, campagnes d'habilitation, recadrages) sous le diktat permanent des fluctuations gouvernementales et de leurs urgences. On sait qu'à l'Hexagone, le coup de grâce fut porté par la LRU, en l'été 2007, et les nouveaux dispositifs législatifs et administratifs qui n'ont pas fini de s'ensuivre, gouvernement après gouvernement. Comme d'autres collègues, j'en ai vu long, en étant responsable du Master philosophie six années durant (2005- 2011). Les années du papier administratif en tant que technique de gouvernance par excellence.

Le verrouillage institutionnel a eu pour résultat de liquider pas à pas l'esprit. L'« esprit de Paris-8 » fut frappé bout par bout, sur toute la ligne, qu'on désignait jadis du mot de « expérimentation » : orientations de recherche peu orthodoxes, relations enseignantes atypiques, collégialité a-hiérarchique, rapports ouverts au « dehors » (aux non-bacheliers, aux non-philosophes professionnels, aux non-universitaires) et bien entendu, le nœud gordien « pensée / mode de vie » — en somme, la critique pratique de l'institué dite : totalement démantelée et éradiquée aujourd'hui, non seulement de la réalité, mais encore du langage et de la représentation, bannie, oubliée et effacée des esprits. Comme on le voit à présent.

Qui encore aujourd'hui songerait à renouer avec la critique de l'institué, de ce qu'on appelle d'ailleurs, bien prudemment, « le cadre des évolutions en cours » ?

La première probité exigerait, par conséquent, qu'on prenne acte de la disparition de l'« esprit de Paris-8 ». Certes, l'astre mort, on continua d'en bénéficier des rayonnements pendant de longues années encore (cf. la

rhétorique des références aux pères fondateurs). Mais désormais, après notamment le coup de grâce évoqué, on ne saurait continuer à parler l'« esprit de Paris-8 » (et le langage qui s'y rattache, la liberté critique, etc.) sans duperie et déshonneur. Comme souvent, en ces temps de désorientation, cette rhétorique est elle aussi passée à l'ennemi. Elle ne saurait seoir encore aujourd'hui qu'aux esprits pressés. Trop pressés d'arriver pour ne pas faire table rase de toute histoire qui n'est pas la leur.

Je tiens que, face à cet état des lieux (lesdites « évolutions en cours »), il faut élaborer une position. Du moins si l'on ne veut pas démissionner totalement, c'est-à-dire faire carrière dans le conformisme ; et au demeurant, rester en deçà ou en dessous de ceux qui, un peu partout ailleurs (en Amérique latine, en Russie, en Allemagne, aux États-Unis), poursuivent toujours un certain héritage de la philosophie critique de langue française et singulièrement de l'« esprit de Paris-8 ».

Que quelque chose de ce qui n'est plus puisse encore continuer ; qu'après la fin (de la philosophie, du marxisme, de l'art du beau) quelque chose persiste toujours ; c'est là après tout un thème familier aux « avant-gardes » artistiques, philosophiques et politiques du XXe siècle. Thème sur lequel se sont joués au cours du siècle une résistance ultime et un honneur dernier de la pensée. Je soutiens qu'il n'est pas absurde ni incongru d'élaborer la position appelée ici selon une dialectique comparable à celle qui a cours dans les champs alludés (qui sont constitutifs d'ailleurs de l'UFR 1, de notre département et de ses formations).

Et je tiens, en ce qui concerne Paris-8, que le point d'insistance ou d'intransigeance qu'il faut absolument tenir, selon cette logique, réside précisément dans le geste de nouer « pensée » et « existence » ; ce qu'avait articulé la proposition inaugurale constitutive de l'« esprit de Paris-8 ». Ce geste demeure au cœur des dernières ressources critiques fécondes et prometteuses de la pensée contemporaine.

L'assumer, c'est se trouver ipso facto en position critique face à l'extériorité moderne (universitaire, scolaire) du savoir par rapport au sachant (dont le revers est un *modus vivendi* contemporain séparé de la capacité de penser). Voilà donc ce qui me paraît intelligent, digne et singulièrement nouveau dans

la conjoncture universitaire et générale. Et qu'il conviendrait, par conséquent, de mettre en avant et de défendre au département.

C'est en référence à ce geste, enfin, que les questions et les enjeux de la littérature, comme ceux du politique, peuvent prendre ou reprendre tout leur sens (« vivre selon les nuances que m'apprend la littérature »...).

En outre, cela va à la rencontre d'une demande critique, diffuse et non négligeable, qu'on constate un peu partout à présent, y compris par-delà nos frontières, en ces temps rudes de désorientation générale.

Bien à vous

Plínio Prado